

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO IV — Número 1.090

Sabado, 10 de Junho de 1922

PREÇO \$10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talha—Lisboa—Telefones 5339-0

Officinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

Ler na terceira página a resposta da C. G. T. ao manifesto-burla da Confederação Patronal, acerca das verdadeiras causas da carestia da vida.

COMO SE PROTEGEM OS BURLÕES

O governador civil põe Sérgio Príncipe em liberdade!

Sob o pretexto "ingénuo" de que as provas dos cartões de identidade falsos, mandados fazer pela Patronal, não chegaram a ter aplicação, o governador civil de Lisboa pôs em liberdade o falsificador Sérgio Príncipe e o dono da tipografia de Vila Franca.

A BATALHA, porém, sabe que os cartões falsos já foram entregues à Patronal há cerca dum mês!

Não se trata, pois, de simples provas tipográficas, mas de 100 cartões divididos em quatro séries, a saber: 25 com a rubrica do ano de 1922; 25 para 1923; 25 para 1924 e outros tantos para 1925.

Um mês foi tempo de sobra para que os agentes secretos da associação de malfetores, que dá pelo nome de Confederação Patronal, fizessem uso suspeito dos seus cartões de 1922.

E porque motivo pediu anteontem o governador civil de Lisboa a uma comissão operária que o entrevistou para solicitar da redacção da "Batalha" moderação ou silêncio sobre o escândalo da Patronal?

EM TORNO DA PATRONAL

Um contraste que se deve frizar bem

COMO SE TRATAM OS BANDIDOS E COMO SE MALTRATAM OS HONESTOS

SERGIO PRINCIPE EM LIBERDADE, HUMBERTO MATIAS NA PRISÃO

Fomos ao Sindicato do Mobiliário para adivinhar do estado de espírito dos operários em luta perante o cheque vergonhoso da Patronal.

Estava reunida a assembleia geral, pelo que o momento não podia ser mais propício para colher opiniões.

Aguardava-se que a comissão de melhoramentos viesse dar conta de negociações realizadas; entretanto, os operários reunidos mantinham uma conversação bulhosa, trocando-se as opiniões mais unânimes acerca do caso do dia.

O sentimento de repulsa e de horror pela pérfida acção do Sérgio e apaniguados era geral. Tratamos de escutá-la.

Confronta-se a situação dum operário preso com a do execrado Sérgio

No intento de entabular conversação dirigimo-nos a um operário que mais inteligente se nos afigurava na discussão.

—Então, o Sérgio já na rua, hein?

—E' verdade—volve o nosso interlocutor. E o nosso João Matias no cárcere...

A sua voz tinha um misto de amargura e de revolta.

—E' porque o João Matias tem alguma coisa que o acusa... A polícia conhece bem os criminosos, nunca se engana...

—Porisso pôs o Sérgio na rua. Contra o nosso camarada João Matias não há um indício acusador. Porque é um bom militante da nossa classe, os patrões movem-lhe uma guerra de morte.

—Infames...

—Sim, são infames! Andam pelos corredores do governo civil a influir para que haja provas acusadoras, ainda que se forjem à porta fechada.

—Exactamente—diz-nos um outro operário, já os cabelos brancos a tomarem-lhe a cabeça.—Até subornam criaturas para o acusarem...

—O quê?—contestámos, surpreendidos.—Vão até essa baixosa?

—Vão, sim, camarada—afirmaram algumas vozes.

—Saiba que um dos patrões que assim procedem é influente da Patronal,—reforça o nosso primeiro interlocutor. E veja como o Sérgio tem admiráveis discipulos!

—O Matias—volvemos nós—

há de afirmar a sua dignidade, há de comprovar a sua inocência!

—Isso faz ele. Desafiou a quem provasse as acusações que lhe fazem e a polícia não lhe aceitou o desafio. Esquece-o no cárcere, para gáudio dos negregados da Patronal.

A polícia é servil para com aqueles que lhe "usurpam" as funções

—Mas a polícia vai pô-lo em liberdade—manifestamos esta crença.

—Foi o Sérgio por engano—ripostou o nosso interlocutor, soltando uma gargalhada irónica, que se comunicou à assembleia. Imagine—prosseguiu ele, já sério—como a polícia se roja de cócoras ante a Patronal.

—E' o seu papel—observamos.

—Colaborar num crime—reforçou um dos assistentes. Os da Patronal usaram dos cartões para nos assassinar impunemente, acredite no que lhe digo.

—Sabe alguma coisa?

—Sei. Há tempo em industrial, filiado na Patronal, afirmou a uma comissão nossa que estava tudo organizado para dar cabo dos nossos militantes, do nosso sindi-

cato e até de toda a organização.

—E isso comprova-se?

—Duma maneira muito clara.

O industrial garantiu-nos esta informação.

—E comprova-se também com o escândalo da Patronal—observou um outro, ainda jovem.

—A Patronal—esclareceu ainda outro operário—entregaria os cartões a sicários pagos para nos assassinar em cidades infames.

—Como encaram vocês essa morte tão eventual?—interrogámos, sorrindo.

Em côro, todos manifestaram o seu estoicismo. A morte é preferível à perda da dignidade.

—Há criaturas conluídas com a Patronal para assassinar-nos, afirm de que o movimento fraasse.

—Mas o nosso moral não se quebra. Devia ter vindo à assembleia de ontem, camarada. Aclamações à greve, manifestações de simpatia aos que se sacrificam, gritos de execração e de nojo pelos infames processos da Patronal.

—Nós sabemos: a Revolução virá, que queiram, quer não!

Todas estas palavras foram pronunciadas com fé ardente, com uma energia que só a revolta alimenta.

Haverá ainda patrões que queiram estar filiados numa associação de falsificadores

Notámos bem que a moral dos operários do mobiliário não pode ser mais elevada.

—E qual será a atitude dos patrões ante este vergonhoso caso?—interrogámos.

—A confederação patronal—relatou um deles—introduzindo-se-lhes em casa, manietou-os para lhes extorquir o dinheiro para a prática de infâmias. E' próprio da audácia sem brio do Sérgio, que desfalco os camaradas ferroviários e foi esroc no Brasil.

—Agora queremos ver o que fazem aqueles patrões, que alguns são, que têm sentimentos humanos, têm uma consciência que se revolta contra a baixosa.

Neste momento, um membro da comissão de melhoramentos começou relatando os trabalhos realizados, e dando conta de mais adeptos.

Cortámos a conversação, analisando detidamente aqueles lutadores esforçados, aos quais nem as mais terríveis conjunturas conseguem atemorizar. Como eles são dignos da nossa admiração e da nossa simpatia!

O TRIBUNAL

—DOS—

ARBITROS AVINDORES

Encontra-se de novo sem presidente, por o Estado continuar a exigir que este cargo seja desempenhado gratuitamente, enquanto esbanja diárinamente muitíssimo dinheiro em coisas ... de menos utilidade ...

Uma vez mais o malfadado Tribunal dos Arbitros Avindores de Lisboa se encontra paralisado, com grave prejuizo das centenas de criaturas que ali têm os seus processos como também de outros que infelizmente ali têm de recorrer. A lei que criou aqueles tribunais, que é de 14 de Agosto de 1889, teve um fim em vista: evitar que se abusasse dos assalariados que ao abrigo dos mesmos estejam. Alguns resultados dos mesmos tribunais têm sido, pelo menos o de Lisboa, durante todo o tempo que funciona. Mas o legislador que a referida lei elaborou entendeu que o presidente não devia vencer ordenado, e daí a razão de o tribunal de vez em quando paralisar.

Por não haver quem quizesse ocupar aquele lugar gratuitamente, esteve o tribunal paralisado durante algum tempo.

Por virtude das repetidas e constantes reclamações dos interessados—patrões e operários, visto que qualquer das duas entidades aos mesmos tribunais podem recorrer—o tribunal do Comércio—segundo a lei—nomeou o ano passado e no mês de Maio o actual presidente, nomeação que foi feita com carácter provisório.

Acontece, porém, que sendo o actual presidente—como todos os que por ali têm passado—advogado, transtorna-lhe a sua vida de fóro o ter que tratar dos serviços do tribunal, visto que é exercido esse cargo gratuitamente.

As pausas operária e patronal que compõem o tribunal, prevendo já que o abandono de lugar seria fácil pelas razões acima apontadas, trataram junto do actual ministro do trabalho do assunto e apresentaram-lhe a questão como ela era, visto que o tribunal paralisado traz graves prejuizos para quem ao mesmo precisa recorrer.

Reclamaram as pausas que fosse arbitrado aos presidentes dos Tribunais

dos Arbitros Avindores do país—e que são 7 segundo a lei que os criou—um ordenado igual ao que vencem os presidentes dos Tribunais dos Desastres do Trabalho.

Concordou o ministro com a reclamação e ainda com a vantagem do funcionamento dos referidos tribunais. Apenas discordou que fosse para todos, visto que a sua maioria nunca funciona, naturalmente por nunca terem sido reclamados pelos interessados, segundo diz a lei, e ainda por que, por um decreto em vigor, todos os casos sucedidos em localidades onde esses tribunais não existam ou não funcionem, passarão as queixas para o que se encontrar a funcionar mais perto.

E assim, o ministro do Trabalho, concordando plenamente com o exposto, comprometeu-se a apresentar ao parlamento, na altura da discussão do orçamento do seu ministério, uma proposta de lei, em que daria o ordenado, conforme a reclamação, aos presidentes dos tribunais dos Arbitros Avindores de Lisboa, Porto e Coimbra.

Quando todos estavam esperançados que finalmente o assunto estaria liquidado e que os referidos tribunais teriam o seu funcionamento legal, eis que o parlamento, na discussão do já aludido orçamento e apesar da defesa feita pelo ministro da proposta de lei, resolveu que a proposta do ministro baixasse à comissão de finanças, para que a mesma lhe desse o seu parecer. Dias depois soube-se que a comissão de finanças e conjuntamente o ministro da mesma pasta, deram parecer desfavorável, por trazer aumento de despesa, que—pasmal ó gentes!—não chegava a 4 contos de reis por ano, para os três tribunais. Em face desta resolução, o actual juiz, na audiência de segunda-feira p. p. e depois de ser lida uma sentença, notifica que não mais trabalhará no tribunal a não ser no mero expediente, e isto quando não

O QUE É ÚTIL CONHECER

A organização interna da C. G. T. U. PÃO BARATO! PÃO BARATO!

Pierre Semard diz-nos como funciona a central dos sindicatos revolucionários em França

A segunda conversa acalorada, interessante, que tivemos com Pierre Semard, foi no Hotel Metropole, enquanto assistíamos ao seu almoço. Merece ser reproduzida essa valiosa conversa, mantida num hotel onde a burguesia, em regra, se reúne e onde as frases revolucionárias poucas vezes penetram.

Na mesma mesa onde estavam instalados, vis-à-vis Semard, revolucionários franceses, cuja educação social foi feita pelas conferências e panfletos de Sebastião Faure e Jean Grave, um cavalheiro de tez doentia e olhar desconfiado lia a *Action Française*, jornal redigido por reaccionários franceses.

Este contraste divertia-nos furtivamente. A presença do tal cavalheiro de aspecto linfático, leitor atento do órgão da reacção francesa, não impedia que Pierre Semard nos fosse explicando entre duas garfadas a maneira como está organizada a C. G. T. Unitária.

A C. G. T. U. tem três secretários permanentes que se ocupam quasi exclusivamente da propaganda

—Em França a C. G. T. U.—dizia o nosso camarada—rege-se ainda pelos antigos estatutos, embora, quando da sua formação no Congresso de Dezem-

bro de 1921, uma nova forma de representação tivesse sido adoptada.

—Que nova forma vem a ser essa? —E' simples. A direcção geral está por assim dizer, sob a responsabilidade de três secretários: um, occupa-se da administração e das relações com todas as organizações; o segundo, da propaganda geral; o terceiro, da tesouraria.

—E tem vantagens esse sistema? —Sim—respondeu Semard, pousando o garfo, esquecendo-se de comer para melhor nos informar. —Este sistema apresenta a vantagem de distribuir as responsabilidades, aumentando o valor do exame às decisões a tomar; estas decisões são tomadas e examinadas por três, em lugar dum só.

—Para que os três secretários não se transformem em simples mangas de alpaca, burocratas, faculta-se-lhe um guarda-livros ou caixa e vários dactilógrafos; desta maneira, eles podem entregar-se ao estudo das questões económicas e sociais e servir a propaganda geral.

Uma nota enternecedora numa conversa árida — Uma criança loura e uma mulher bonita...

Houve um momento de pausa; cadeiras agitaram-se em torno de nós. Eram

alguns hóspedes que chegavam para almoçar.

Numa mesa, perto duma larga janela que deita para o Rossio ainda por acabar, devido ao desleixo da Câmara, uma senhora nova e bonita sentou-se, colocando na sua frente uma criança gracil, dos seus dois anos, cabelo louro muito claro como linho, olhinhos esportivos e inteligentes.

—Joli enfant... —dissemos.

—E' verdade —murmurou Semard olhando com ternura a criança simpática, enquanto nós olhávamos com igual ternura a senhora gentil que a acompanhava...

Durou alguns segundos o nosso silêncio contemplativo. Depois, reagindo contra a atracção misteriosa da beleza daquele rosto lindo de mulher, despercebíamos Semard que se deixava vencer por pensamentos longínquos.

—Tem filhos? —preguntámos.

—Tenho três, duas meninas e um menino.

—Prossigamos —fizemos com energia. —Dizia voez que a C. G. T. U. ... Ah, sim ... A directriz geral dada pelos Congressos é estudada em comum a fim de: ser aplicada, pela «bureau» (os três secretários) e pela comissão administrativa que se reúnem todas as

As funções da comissão administrativa e do comité nacional confederal

—E como é formada essa comissão administrativa? —Actualmente essa comissão, que foi nomeada pelo Congresso Unitário, é composta por 27 membros, escolhidos entre os militantes da região parisiense —catorze apresentados pelos sindicatos, treze apresentados pelas Federações.

—Há, por fim, o comité nacional confederal, que corresponde ao conselho confederal português, que se reúne de três em três meses.

—Quem são os componentes do vosso comité nacional confederal? —São os secretários das uniões departamentais e das federações. O seu papel é examinar as questões económicas ou sociais que podem surgir entre os congressos nacionais e dar utilidade à comissão administrativa.

—Tinham terminado o almoço. Antes de sair voltámos ambos para a janela larga os nossos olhares curiosos. A criança e a senhora foram novamente lidas com interesse.

Lê amanhã: A orientação da C. G. T. U. entrevista com Pierre Semard

Os acontecimentos de Évora

PÃO BARATO! PÃO BARATO!

A população da laboriosa cidade continua lutando contra os roubos da Moagem

EVORA, 8.—C.—Não há memória dum movimento de tanta grandeza, dum manifestação tão imponente!

A cidade apresenta o aspecto duma enorme necrópole. Nem um estabelecimento comercial aberto. A indústria então adormeceu calorosamente. Os trabalhadores rurais, até à distancia de duas léguas, cruzaram os braços.

Nogueira e outros militantes, velhos lobos da organização estão entusiasmados, confessando nunca terem assistido a tam magestosa demonstração de forças.

Logo pela manhã as ruas apresentavam um aparato bélico.

Na Praça do Giraldo estacionava uma grande força de infantaria da G. N. R., que ensarilhava armas, e uma metralhadora em posição. Esta força encontrava-se postada junto da agência do Banco de Portugal.

O povo, com um manifesto desprezo por aqueles engenhos de luto e de morte, olhava indiferente e passava avante. Tanto se cansaram de ser escarnejados em silêncio que lá se foram de levada até ao edifício da Câmara Municipal.

As ruas eram fortemente patrulhadas por patrulhas da brisa, armadas até aos dentes.

Estes mantenedores da ordem chegaram ao cúmulo de quererem, pela força, obrigar os comerciantes, a abrir os seus estabelecimentos, o que revoltou aquela classe provocando o imediato encerramento dos retardatários.

Pela cidade foi distribuída profusamente uma proclamação assinada pelo comité que audaciosamente denunciava as gularidades, citando nomes e exortando todas as classes a unirem-se para a defesa contra o inimigo comum.

Pelas 12 horas foi presa uma comissão composta de 8 camaradas, sendo conduzida por fóra da cidade até ao quartel da G. N. R. onde um oficial lhe impingiu um discurso tresandando a patriotismo, discurso que só serviu para pôr à prova a paciência daqueles camaradas.

Por fim lá foram postos em liberdade... por muito favor.

Uma comissão no governo civil

Nesta altura já a comissão de demarques se estava preparando para, acompanhada dos grevistas, se ir apresentar em massa à prisão.

Não foi preciso chegar ao extremo de fazer esta demonstração de forças. Pelas 16 horas, do governo civil foi

enviado à sede da U. S. O. um agente a convidar a comissão a avistar-se com o secretário dr. sr. Celestino David, que a recebeu amavelmente, fazendo-lhe diversas considerações de ordem moral, dizendo que o governador civil chegaria esta noite, vindo de Lisboa, preparando sua ex.ª uma entrevista entre moageiros e comissão de demarques.

A moagem preparava-se para mais uma vez vigiar o povo. E' o que se desprende das entrelinhas das palavras proferidas pelo sr. secretário geral.

Sua ex.ª confessou que *he tinham afirmado* que o diagrama da lei, actualmente em vigor em Lisboa, faz pio de qualidade inferior ao presente fabricado nesta cidade.

Esta informação, que foi dada a sua ex.ª e é mais descarada, insensata e revoltante infâmia.

Mentem velhacamente fazendo tal afirmação.

Julgam-nos tam ingénuos que nos deixemos enrolar à espanhola?

Enganam-se. Terminadas as considerações de sua ex.ª retirou a comissão visto o povo consumidor estar aguardando com ansiedade na sede da União as demarques realizadas. (Lê continuação na 2.ª página)

houvesse prejuízo para a sua vida de advogado.

Em face desta resolução estão os árbitros operários e patronais resolvidos a encetar *démarches* no sentido de que o tribunal funcione normalmente, como é necessário.

Sabemos igualmente que os que tem processos pendentes vão reunir no sentido de que tal situação se não mantenha por muito tempo, visto que os multissimos os processos existentes.

Por outro lado as associações operárias também vão protestar contra a paralisação do tribunal de Lisboa.

As pautas operárias dos referidos tribunais reclamaram da Câmara Municipal o aumento de verba por cada sessão no que foram atendidos na quantia pedida, estando já as ordens dadas nesse sentido, segundo o resolvido na reunião da respectiva Comissão Executiva.

Do exposto deixamos ao público as considerações e os comentários que os casos acima apontados merecem. E ficamos hoje por aqui, continuando a occupar-nos do caso, visto que ele merece ser tratado com mais vagar.

E. J.

A VIAGEM AÉREA AO BRASIL

Comemorações oficiais

Foi determinado que, logo que se receba comunicação da chegada dos aviadores ao Rio de Janeiro, os navios embandeirados com as nacionais nos toques, se fôr antes do sol posto, dando uma salva de 21 tiros, os que possam fazer-lo.

A noite iluminarão os edifícios públicos, dependentes do ministério da marinha, e no dia seguinte embandeirarão os navios em arco, e outros edifícios e estabelecimentos içarão a bandeira nacional. O rancho será melhorado nesse dia.

Várias notícias

O cruzador *República* deve chegar hoje depois do meio dia à Baía de Cabral. O sr. major general da armada sr. Ferreira Nunes, foi ontem a casa do sr. Presidente da República, para o convidar em nome da corporação da armada, para presidir à sessão solene que o Club Militar Naval, promove em honra dos aviadores, sessão que terá lugar na Sociedade de Geografia.

O consul de Portugal na Baía comunicou que a recepção, ali feita aos aviadores, foi entusiástica.

Bilhetes postais comemorativos

A Companhia de Seguros Comércio e Indústria fez editar uns bilhetes postais comemorativos da viagem. Estes postais serão distribuídos por todo o país, ilhas adjacentes e colónias, como homenagem aos aviadores.

Semana das Juventudes Sindicalistas

O que há hoje

No Sindicato Unico da Construção Civil, comemorando a Semana das Juventudes Sindicalistas, realiza-se hoje, às 21 horas, uma pequena festa, que será iniciada com uma palestra, seguida de rifa de objectos ofertados e canções sociais por alguns cultivadores e amadores. A entrada é facultada a todas as pessoas.

Voz do Operário

A comissão de sócios auxiliares convida todos os componentes a reunir hoje, pelas 12 horas, no local do costume, para tratar de um assunto urgente.

Classes que reclamam

Operários dos tecidos de seda

Na assembleia geral, a comissão que foi nomeada para tratar da reclamação de aumento de salário, deu conta do resultado das suas *démarches* com os industriais. Depois do assunto ser discutido, foi aceite o aumento de 40 % em todos os trabalhos e a todo o pessoal, dando-se por liquidado o conflito. Foi resolvido abrir uma subscrição a favor dos camaradas mobiliários.

SOCIEDADES DE RECREIO

Grémio de Instrução Liberal de Campo de Ourique

Realiza-se hoje, às 12 horas, aniversário do seguinte programa. Hoje, às 11 horas, visita dos alunos ao Albergue dos Invalidos do Trabalho acompanhado pela Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo; às 13 horas, distribuição de um lanche aos alunos do Grémio; às 15 horas, sessão solene em que tomam parte diversos oradores, sendo precedida pela inauguração da nova bandeira; às 18 horas abertura da quermesse com um concerto musical pela banda da Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo.

Amanhã, às 15 horas realiza-se uma matiné em que tomam parte vários artistas amadores e alguns alunos do Grémio; às 18 horas é a continuação da quermesse, abrihantado pela banda da Sociedade Filarmónica Euterpe de Benfca.

Grupo dos Vinte.—Fundado na Imprensa Nacional pelos distribuidores do *Diário do Governo*, realizam hoje o seu primeiro passeio anual a Cintra, Colares e Praia das Maças.

Concentração Musical 24 de Agosto.—Hoje baile de comissão, das 21 horas às 5 da madrugada.

Ecos do Congresso Ferroviário

Partiu ontem, pelas 21 horas e 15 minutos, para Paris, o camarada Pierre Semard, secretário geral da Federação Unitária dos Ferroviários Franceses, que, como temos dito, veio a Lisboa assistir ao Congresso Ferroviário.

Pierre Semard vai muito bem impressionado com o bom acolhimento dos seus camaradas portugueses. Desejamos-lhe boa viagem.

NACIONAL

Telefone 3.049

— HOJE —

3.ª e última noite de assinatura

Primeira representação

nesta época, da peça em 5 actos

O CONDENADO

Original de Afonso Gaio

apresentada com todo o aparato, e desempenhada pelos principais artistas da companhia

A situação de A BATALHA

Mais um sindicato que voa a côta suplementar

Reuniu em assembleia geral o sindicato dos Operários dos Tecidos de Seda, tendo apreciado a circular da C. G. T. sobre o auxílio a prestar à *Batalha*. Foi aprovada a cota de 5 centavos por sindicato.

NO PRESIDIO DA TRAFARIA

Desigualdade revoltante

Escrevem-nos protestando contra o facto de no presidio da Trafaria se encontrarem presos soldados e oficiais por delitos resultantes do 19 de outubro e existir uma flagrante desigualdade de tratamento. Concordamos plenamente com o protesto. Se são todos acusados de delitos, porque gozam uns dumhas regalias que outros não usufruem?

Numa prisão, não há nem poder haver soldados e oficiais—há presos. Portanto o tratamento dum deve ser identico aos dos outros. A não ser que o delito diminua de importância segundo a graduação do militar que o comete... Não queremos que sejam cercados aos oficiais do movimento do 19 de outubro quaisquer regalias. O nosso protesto unicamente se cifra em serem considerados os oficiais como homens e os soldados como mercadorias.

Todos são homens—e as leis militares não podem negar esta insofismável verdade.

Congresso Municipalista

Inaugura hoje os seus trabalhos

Pelas 11 horas de hoje e no salão nobre dos Paços do Concelho, sob a presidência do dr. sr. António José de Almeida, inaugura-se o Congresso Municipalista, efectuando-se a seguir a visita ao Museu da Cidade, provisoriamente instalado na sede da Associação dos Arquitectos, no largo do Carmo. Às 17 horas será efectuado um chá aos congressistas e convidados.

Um festival de homenagem

No «Bal-Tabarin» Montanha, rua da Gloria, 57, 1.ª, effectua-se amanhã, pelas 14 horas, um deslumbrante festival de homenagem ao apreciado guitarrista Armando Augusto Freire (Armandinho), promovido por uma comissão de seus amigos e admiradores.

O programa deste festival é muito variado, sendo de esperar grande concorrência.

Teatro Chiado Terrace

Empresa A INTERNACIONAL

Gerente: A. Emauz

HOJE — A's 8 1/2 e 10 1/2 — HOJE

A engraçada revista

TIRO AO ALVO!

Cópia nova no

AEROPLOÃO

Falta de espaço

Por absoluta falta de espaço não podemos publicar hoje o nosso folhetim

Justiça Sacerdotal, do que pedimos desculpa aos nossos leitores.

Festa de solidariedade

Promovida por um núcleo de sócios do Grupo Ferroviário Solidariedade Humana, realiza-se no dia 18 do corrente, uma festa de auxílio à vida e filhos do falecido camarada João Tavares Sardinha, no Sindicato Ferroviário. Esta festa foi lembrada pelo mesmo camarada que tombou, vítima duma terrível enfermidade.

Publicações recebidas

«Castro Alves», por Afrânio Peixoto — Livraria Allard e Bertrand.

«Spartacus», por Rocha Martins — Editores João Romano Torres & C.ª.

Anais das Bibliotecas e Arquivos, vol. III.—N.º 9.

Só se publicam críticas das obras de que nos enviarem 2 exemplares.

Centro de Propaganda

e Estudos Sociais

Corpos gerentes — Hoje, sábado, 10, reúnem os corpos gerentes pelas 20 horas prefixas. Serão apreciados assuntos importantes para regularização da vida deste centro.

Toda a correspondência deve ser dirigida para a rua da Madalena, 225, 1.ª

Eden-Teatro

Comp. Espanhola Barreto Ballester

HOJE—As 21 horas (3 da noite), prefixas

DESPEDIDAS: 10.ª e última noite de assinatura

3.ª e última noite de assinatura

Primeira representação

nesta época, da peça em 5 actos

O CONDENADO

Original de Afonso Gaio

apresentada com todo o aparato, e desempenhada pelos principais artistas da companhia

A situação de A BATALHA

Mais um sindicato que voa a côta suplementar

Reuniu em assembleia geral o sindicato dos Operários dos Tecidos de Seda, tendo apreciado a circular da C. G. T. sobre o auxílio a prestar à *Batalha*. Foi aprovada a cota de 5 centavos por sindicato.

NO PRESIDIO DA TRAFARIA

Desigualdade revoltante

Escrevem-nos protestando contra o facto de no presidio da Trafaria se encontrarem presos soldados e oficiais por delitos resultantes do 19 de outubro e existir uma flagrante desigualdade de tratamento. Concordamos plenamente com o protesto. Se são todos acusados de delitos, porque gozam uns dumhas regalias que outros não usufruem?

Numa prisão, não há nem poder haver soldados e oficiais—há presos. Portanto o tratamento dum deve ser identico aos dos outros. A não ser que o delito diminua de importância segundo a graduação do militar que o comete... Não queremos que sejam cercados aos oficiais do movimento do 19 de outubro quaisquer regalias. O nosso protesto unicamente se cifra em serem considerados os oficiais como homens e os soldados como mercadorias.

Todos são homens—e as leis militares não podem negar esta insofismável verdade.

Congresso Municipalista

Inaugura hoje os seus trabalhos

Pelas 11 horas de hoje e no salão nobre dos Paços do Concelho, sob a presidência do dr. sr. António José de Almeida, inaugura-se o Congresso Municipalista, efectuando-se a seguir a visita ao Museu da Cidade, provisoriamente instalado na sede da Associação dos Arquitectos, no largo do Carmo. Às 17 horas será efectuado um chá aos congressistas e convidados.

Um festival de homenagem

No «Bal-Tabarin» Montanha, rua da Gloria, 57, 1.ª, effectua-se amanhã, pelas 14 horas, um deslumbrante festival de homenagem ao apreciado guitarrista Armando Augusto Freire (Armandinho), promovido por uma comissão de seus amigos e admiradores.

O programa deste festival é muito variado, sendo de esperar grande concorrência.

Teatro Chiado Terrace

Empresa A INTERNACIONAL

Gerente: A. Emauz

HOJE — A's 8 1/2 e 10 1/2 — HOJE

A engraçada revista

TIRO AO ALVO!

Cópia nova no

AEROPLOÃO

Falta de espaço

Por absoluta falta de espaço não podemos publicar hoje o nosso folhetim

Justiça Sacerdotal, do que pedimos desculpa aos nossos leitores.

Festa de solidariedade

Promovida por um núcleo de sócios do Grupo Ferroviário Solidariedade Humana, realiza-se no dia 18 do corrente, uma festa de auxílio à vida e filhos do falecido camarada João Tavares Sardinha, no Sindicato Ferroviário. Esta festa foi lembrada pelo mesmo camarada que tombou, vítima duma terrível enfermidade.

Publicações recebidas

«Castro Alves», por Afrânio Peixoto — Livraria Allard e Bertrand.

«Spartacus», por Rocha Martins — Editores João Romano Torres & C.ª.

Anais das Bibliotecas e Arquivos, vol. III.—N.º 9.

Só se publicam críticas das obras de que nos enviarem 2 exemplares.

Centro de Propaganda

e Estudos Sociais

Corpos gerentes — Hoje, sábado, 10, reúnem os corpos gerentes pelas 20 horas prefixas. Serão apreciados assuntos importantes para regularização da vida deste centro.

Toda a correspondência deve ser dirigida para a rua da Madalena, 225, 1.ª

COLISEU DOS RECREIOS

HOJE — A's 3 da tarde — HOJE

Grandiosa «matinée» dedicada às crianças de Lisboa

Extraordinário programa animatográfico

A' NOITE — A's 8,30 — A' NOITE

— Todo o «film» de grande sucesso (1.ª e 2.ª jornadas) da —

ATLANTIDA

Que apenas dará um certo número de exhibições para se realizarem novas e sensacionais estreias

PENULTIMA apresentação da notável cançonetista de transformação e fantasia

BELLA ZORONDO

A'MA. HÃ — Grandiosa «matinée»

AS GREVES

Operários mobiliários

Contando perto de três meses, mantém-se a greve dos operários do mobiliário nas casas que ainda não cederam às reclamações. O seu espírito de luta não abalou, porquanto a vitória é o único objectivo que os anima, pelo qual lutarão até onde for necessário.

Na assembleia de ontem foi apreciado o caso da patronal e tomou-se conhecimento da libertação de João Humberto Matias.

NOTA DO COMITÉ

Camaradas: O caso da patronal é muito significativo, não sendo de esperar outro desfecho senão aquele que teve.

Porque não existam provas? Não! As provas são bastas. Então, criaturas que têm sobre si a responsabilidade do caso económico em que nos debatem, indivíduos que amontoaram fortunas à custa da especulação—roubo—e dos envenenamentos feitos à população; que se organizaram secretamente contando com o proteccionismo das leis e seus executores a quem colocam em estado de dependência, só para soprar a justa revolta dos espoliados, tem o direito de continuarem tripudiando, indo ao ponto de desenvolverem um vasto plano de canibalismo mortífero?

E' caso para afirmarmos:—Quem vive quem governa?—a «patronal»... São o roubo e o crime legalizados por cima de facções políticas ou seitas religiosas. E' um novo estado dentro do Estado, com os seus agazuis e seus tribunais, sobrepondo-se a tudo e—suprema petulância!—em nome duma civilização.

Falam, uma parte das vítimas das suas proezas. Desabafam, aqueles que durante quasi três meses têm sentido sobre si o jugo tirânico e trunfante desse bando de malfetores, que para arrancar dinheiro à imbecilidade dos industriais e negociantes da mobília, tem procurado reduzir à miséria e à fome os lares de quasi dois milhões de famílias. O campo tem-lhe sido fértil, o negócio rendoso.

A segunda-luz tiveram a ganância do comercialismo, que sabe que o primeiro consumidor que aparece será quem pagará, ao mesmo tempo que os fornecedores ficarão em situação mais escravizada.

Estes, não tem compreendido o que de verdade lhe tem sido dito, não se aperceberam ainda de que esta luta tem o especial fim de acabar com a pequena indústria para a centralizar em poucas mãos.

Não pensaram sequer de que serão os únicos a arcar com a lógica indisposição da parte dos operários; e, deixando-se ir ao ponto de não verem que os lojistas que lhe impõem a não cederia às reclamações dos seus operários, vão mandando executar algumas encomendas nas casas que já estão laborando com o aumento.

Estarão ainda com todo o escrúpulo de romperem o compromisso vexatório a que os sujeitou essa quadrilha, cujos componentes se houvesse decido perentoriamente neste momento aos tribunais?

E' caso para daqui lhes bradarmos:—Oh criaturas que vendados vos encontreis à beira do abismo!

«Retrocedei, quebrai as algemas que vos mantêm, ponde de parte a cobardia com que vos deixais conduzir e dai ouvidos à razão, em vosso exclusivo benefício!

Preponderará ainda a insensatez, o escrúpulo dos roubados em denunciar a vigarice de que foram vítimas? Ou esperarão ainda pelo prazo que a *canibalista* patronal lhes estipulou para a consumação dos seus infames desejos?

Fortalecidos moralmente, temos ainda as nossas proles, sofredoras nesta luta, a indicarem-nos a única saída deste período de sacrifícios.

Acima de toda a lama em que se afundam os nossos adversários sentimos que somos nós quem se afirma de pé, ostentando ainda incólume o bom nome da nossa organização.

Conosco apenas se encontram aqueles dos nossos patrões que, pondo a ra-

zão acima dos caprichos dos intrusos, salvaram-se, atendendo-nos no que é reconhecidamente justo.

O Comité Central.

A assembleia de hoje é às 18 horas, devendo todos os operários que ultimamente se inscreveram comparecer no Sindicato às 16 horas.

Para apreciar a situação dos polidores em face da atitude dos lojistas, todos os operários desta especialidade devem comparecer no Sindicato, hoje, às 17 horas, devendo comparecer não só os grevistas, como muito especialmente os que já estão trabalhando.

Pessoal gráfico da casa d'obras d'«O Século»

Encontra-se no mesmo pé o movimento da casa de obras do *Século* que desde o dia 1 de Junho se encontra em greve.

A Comissão encontra-se hoje na sede do Sindicato dos Compositores das 13 às 20 horas.

Cabouqueiros e fabricantes de cal

Esta classe, na sua reunião de ontem, tratou largamente da marcha do movimento, sendo muito censurada a Confederação Patronal pela sua obra reaccionária contra a organização operária.

A numerosa assembleia protestou energicamente contra a prisão do camarada Manuel dos Santos, tendo a comissão pro-presos tratado da sua libertação, o que não conseguiu.

Igualmente foi apreciada a forma como o filho do industrial de pedreiras F. H. de Oliveira, recebeu o camarada Manuel Pessoa, pois que o tratou com palavras obscenas.

O movimento mantém-se com grande entusiasmo.

A reunião de hoje é às 19 horas.

Metalúrgicos da Empresa Industrial Agricola Eborense

EVORA, 8-C.—Mantem-se inalterável o conflito travado entre os operários grevistas e a respectiva empresa.

A greve geral mais veiu incitar estes camaradas a lutarem com valor.

NOTA OFICIOSA

Camaradas: Mantem-se sem defecções o conflito travado com a empresa que seguindo a árdua estafada do reajo da C. P. declarou consideração despedidos todos os grevistas, chegando a afirmar na imprensa local, em cartas e anúncios de caracteres enormes, que os grevistas já não são porque ao fim dum dia de greve foram considerados despedidos e declarando aberta a inscrição para novo pessoal.

Por outro lado (particularmente) aconselha os grevistas a retomarem o trabalho, senão um dos sócios partirá para Lisboa a fim de tratar da venda da maquinaria e demais pertences da empresa.

Entendem-nos?...

Francamente não os compreendemos. E' de louvar a atitude assumida por dois camaradas que de Lisboa vieram para esta cidade, iludidos pelos anúncios publicados nos jornais de Lisboa que pediam operários para aquela empresa.

Estes camaradas, num revoltado e nobre gesto de solidariedade, repeliram energicamente o contrato, vindo imactado para o campo grevista, tendo sido elementos de preponderância na greve geral.

Um caloroso e apertado abraço a estes dois camaradas.

Operários: A vitória é certa. Nada de tergiversações. A empresa joga as últimas cartas. Sabi manter-vos unidos que a luta decidirá fatalmente pelo nosso lado, porque estamos no campo da legalidade e da justiça.

A'vante, pela conquista de mais umas migalhas de pão, porque o vosso comité vela.

Tende confiança nele.

Trabalhadores: Lede e propagai A BATALHA

Coliseu dos Recreios

As últimas exhibições da Atlantida

Hoje, em matiné e à noite, realizam-se no Coliseu dos Recreios dois magníficos espectáculos animatográficos no primeiro dos quais, dedicado às crianças de Lisboa, se exhibe um interessante programa cômico e no segundo a exhibição de todo o *film* de grande successo *Atlantida* que vai ser retirado do *lôran* em curto prazo para dar lugar a novas e emocionantes estreias. Nos espectáculos de hoje faz a sua penúltima apresentação a notável cançonetista Zorondo a Bella, cujo trabalho tem sido apreciadíssimo pelo público que todas as noites a aplaude com entusiasmo. Amanhã realiza-se também uma grandiosa *matinée*, fazendo-se à noite uma das últimas exhibições da *Atlantida*, efectuando-se na 2.ª feira, em espectáculo da moda, a estreia do interessantíssimo e original diueto hispano-brasileiro *Los Iman* que ao Brasil fez enorme successo.

PROMOTORA (ao Galvário) — Animat. gráfico

OS ACONTECIMENTOS DE EVORA

Pão barato! Pão barato!

(Continuação do 1.º página)

A imponente sessão na União dos Sindicatos Operários

Ali chegada foi reaberta a sessão tendo os comissionados expostos aos camaradas presentes (que enchiam por completo todas as salas e corredor do edificio onde aquele organismo se encontra instalado) o resultado das *démarches*, e qual a opinião que formava esta entrevista.

Nogueira registou com a atitude tomada por todas as classes, —absolutamente todas— neste movimento e diz que amanhã teremos ao nosso lado a maior força organizada da cidade e arredores —os rurais,— aconselhando união e firmeza.

Vasconcelos segue na mesma ordem de ideias, exaltando o gesto nobre e calvo como o povo soube responder aos maneios da moagem e seus defensores. Pato (pelas Juventudes Sindicalistas) começa por saudar as classes proletárias da cidade e arredores, congratulando-se com a atitude consciente tomada pelo povo consumidor contra aqueles que lhe chamam a canilha, a escumalha das tabernas.

Bastou que esse mesmo povo cruzasse os braços para a cidade apresentar o aspecto dum enorme cemitério, em que a morte adeja.

Exalta a grande vitória já conquistada e que consiste nas autoridades mandarem emissários à sede da União convidar a comissão de *démarches* a ir ao governo civil, quando aquela União não foi consultada para a burla do aumento do preço do pão e ainda há dias ter a mesma União sido vexada na pessoa de Vasconcelos, quando, em nome do povo consumidor, foi exigido ao gabinete da autoridade superior do distrito a liberdade de usar dum direito que esta *lêrrima* república lhe facultava, terminando por afirmar que advinha no movimento uma moral elevada, porque é um povo inteiro que palpa.

Alvaro Diniz folga que o povo ativamente se imponha, recusando-se a produzir até que justiça lhe seja feita. E' um crime consentido e envenenamento constante de nossas mases, companheiras, irmãos e filhos, porque o silêncio, a indiferença, aborrecem fatalmente o caminho a novas lutas, a novos assaltos à bolsa do consumidor e facultará novos envenenamentos.

Exorta o povo a que continue de braços cruzados até à vitória final, provando, assim, que o fim a atingir se resume em pão, ordem e trabalho.

Diz que o povo, olhando com indiferença para as armas assassinas mandadas colocar pelos mantenedores da ordem ao serviço da moagem, mostra ser possuidor duma

Arranca-se a máscara a Patronal

A Confederação Geral do Trabalho expõe ao país as verdadeiras causas da carestia da vida

Todos dolorosamente sentem—diz a Confederação Patronal—que o problema da carestia da vida chegou a uma acuidade máxima.

Apesar das habilidades numéricas que a C. P. patenteou no seu manifesto, é certo que todos sentem dolorosamente a acuidade máxima desse problema—desde que façamos a restrição mental de que o termo *todos* representa: **todos aqueles que vivem do produto do seu trabalho** sem outros recursos de que possam lançar mão. Quanto aos restantes que são todos os que caíam fora do lado da Patronal, ou directamente filiados nos agrupamentos desta confederação ou pertencendo às mesmas classes espoliadas; quanto a esses tais, que vivem do trabalho dos proletários, não tenhamos dúvidas: não sentem, nem dolorosamente nem dor, essa carestia porque dispõem de mil e um meios de se refazerem e desfazerem dos prejuízos dum situação que propostadamente provocaram para seus inconfessáveis planos de rapina:—é necessário não esquecer que os antigos representavam o Comércio pelo deus Mercúrio que era também o deus dos ladrões. E nisto mostraram-se os antigos bem judiciosos.

O câmbio

O câmbio tem servido para justificar em grande parte todas as extorsões feitas pelas **classes parasitárias**—as tais classes que a Patronal diz, com todo o descaro, serem essencialmente trabalhadoras.

Ora o câmbio exerce-se em função das dívidas e dos créditos dum país. E, tendo esse país chegado ao descabro financeiro-económico do nosso, pergunta-se: já quem é devido esse descabro? E, como quando alguém perde, ou tem ganho, pergunta-se ainda: quem ganhou com o descabro de Portugal? Foram os trabalhadores? Não evidentemente! Toda a gente vê que os que prosperam, compram palácios, vivem no fausto, acumulam fortunas são os das classes parasitárias—vulgo: comerciantes e industriais.

Se a nossa dívida ao estrangeiro é assustadora; se o desmasse administrativo em medidas de fomento nacional é assombroso—a ponto de o estrangeiro, que não é parvo, dar à nossa moeda o valor depreciativo que os câmbios revelam—pregunta-se mais: quem lucrava com este estado de coisas? A classe pertencem esses cavalheiros que lidando de perto com o escroque dos 50 milhões de *dollars* e sabendo que se tratava dum burla, se calaram para fazer a especulação do câmbio? Os banqueiros que entraram nesse negócio serão os operários?

Sendo condição indispensável para que os câmbios melhorassem, além de moralidade administrativa que não tem havido, o desenvolvimento da produção e respectiva exportação, é ocasião de perguntar ainda: quem desviou do trabalho útil e reparador milhares de braços para os inutilizar numa guerra desastrosa? Quem tem arrancado aos labores do campo milhares de trabalhadores para os embriutearem nas casernas? Quem tem interesse em conservar um estoque de braços disponíveis em força ociosidade a fim de manter a procura do trabalho e evitar que o preço deste suba em proporção da carestia?

Se, em lugar de aumentar a produção se desenvolveu o comércio bancário e de comissões, recorrendo constantemente ao estrangeiro a pedir-lhe gêneros e dinheiro, muito dinheiro, pois que isso deixava nos bolsos dos intermediários banqueiros e corretores mais fartos e imediatos lucros, que direito tem esses que aproveitaram e concorreram para a situação anómala em que nos debatem, que direito tem, dizemos, para atribuírem à baixa cambial grande parte da *acuidade máxima* que atingiu o problema da carestia da vida?

Não foram eles os únicos culpados? Foram! O que não obsta a que as classes parasitárias—vulgo: comerciantes e industriais—se lastimem hipocritamente da elevação do câmbio como um obstáculo ao seu ardente desejo de vender barato.

E para realizarem esse ardente desejo, vá de organizarem sindicatos, *trusts*, *ententes*, monopólios de toda a casta para venderem o mais caro possível!

E' preciso trabalhar...

Continua a Patronal na enumeração das causas da carestia da vida. Além do agravamento dos câmbios, aponta ela a *vaga de preguiça abafante* que a grande guerra trouxe aos meios trabalhadores.

E' interessante esta gente a falar da preguiça dos outros, ela essencialmente preguiçosa. E' o caso de chamar antes que lhe chamem...

A burguesia estrangeira, para esmagar os seus concorrentes em vilgarizar os povos; desencadeia uma guerra monstruosa; semeia e alastra ruínas e desgraças pelo orbe, dando ao mesmo tempo um escanteio à onda revolucionária dos miseráveis—seu apavorante pesadelo. A nossa burguesia colabora entusiasticamente no grande crime, asoprando o patriotismo imbecil das massas ignaras. E' ocasião de quem já se enriquecia, avolumar subitamente as suas riquezas em proporções estonteantes. Não hesita em arrebatrar legiões de trabalhadores ao labor, ficando em comprometer as já muito precárias finanças do país fazendo com que os governos—seus criados e testas de ferro—contraiam empréstimos ruinosos, descurando em fomento nacional; e, transmitindo e desenvolvendo por seu próprio apetite, feroz de ganância rápida e fácil—provocando por consequência o desprêzo pelo verdadeiro trabalho produtivo e restaurador, vem a nossa burguesia, pela boca da sua Confederação Patronal depois desta obra de destruição, clamar contra a *abafante vaga de preguiça*, queixando-se de, quanto mais é preciso trabalhar, é quanto menos se trabalha!

Não se pode realmente ajudar a tamanha desgraça, maior soma de estupidez! porque, não duvidemos, esta gente está parva se julga que os operários parvos estão!

O' classes *essencialmente trabalhadoras* (é assim que a Patronal classifica os que *essencialmente vivem do trabalho dos outros*): Vamos a isso! A salvação está no trabalho? Perfeitamente de acordo! Vamos ao trabalho! **Trabalhem todos!** Mas dai vós o exemplo: chegai-vos aos campos; entrai nas oficinas; descei às minas; afoutai-vos às praias! Pegai da rabeca do arado; empunhai a lima, o martelo, a picareta, o alvião; tomai a escota de vela ou roda do leme. Se quizerdes, podeis vir nos vossos automóveis, contanto que trabalheis e produzáis utilidades. Já não queirais trabalhar? Achais que isso vos faz calos ou dores de cabeça? Pois bem! tudo se pode remediar! Ficai nos vossos fofos cochins fumando os belos havanos e gozando as formosas horizontais; porém, se muito é preciso produzir para salvar o país, dai trabalho a todos os desocupados que só esperam quando lhes aceite os serviços a troco dum bocado de pão para matar a fome deles e das famílias! Há tantos trabalhadores *à boa vida*! Mas não vos convem esta solução. O que pretendes é a abolição de:

A lei das 8 horas

Isso sabemos nós! A vossa pretensão é que os mesmos operários ou o número que actualmente tendes em laboração, trabalhando para vós 8 horas por dia, trabalhem mais horas... pelo mesmo salário!

Então é melhor sêdes francos: o que vos preocupa não é a salvação desta pobre terra; é o vosso cofre; é a vossa conta de Ganhos e Perdas cujo crédito é necessário que seja máximo.

Uma coisa que esta gente da Patronal e quejandas ainda não compreendeu, apesar de blazonar de profundos conhecimentos de economia política e de nos atirar sempre com esta selência à cara para nos títar a boca e deixar-nos atarrantados, (talqualmente os padres quando pretendem anular qualquer verdade de raciocínio, atabafando-nos com o seu "Mistério" e "Altos desígnios de Deus") uma coisa que ela ainda não compreendeu, fomos dizendo, é que a jornada de 8 horas em nada prejudica a produção; e que, se todos os que estão inutilizados nas casernas, no exército, na polícia, nas guardas; todos os que exercem profissões inúteis ou nocivas, empregassem a sua actividade em obras proveitosas, a jornada poderia ser ainda reduzida a 5, a 3 horas sem prejuízo para a produção; antes pelo contrário.

Todos os higienistas, todos os filósofos de cérebro livre de teias de aranha, são concordes em que o esforço demasiadamente activado embota o espírito do produtor, depauperá-lhe o organismo, enfraquece-lhe a energia. A excessiva actividade muscular, o esgotamento nervoso pela aplicação dos sentidos por tempo além dos limites da natu-

resa, a escassez do alimento que não corresponde ao gasto de forças no trabalho prolongado, tudo junto origina o entubamento do organismo do trabalhador; sua progressiva incapacidade de produzir muito; a seguir, a doença declarada e finalmente a morte prematura.

Os senhores capitalistas, exploradores das massas operárias, não se ralaram com o facto: porque, se morrem legiões de desocupados virão substituí-las. Se há um milhão de operários sem trabalho, o capital empregará uns mil ao seu serviço exigindo deles o máximo esforço pelo mínimo de salário.

Quando esses mil morrerem, se inutilizarem ou desertarem para outros ofícios ou regiões, chama outros mil pelo mesmo estipêndio ou menos ainda e a produção será *nada* mais com o mínimo de despesa. Chama-se a isto fazer economia política!

Quando assim procedem, as *elas* são parasitárias—vulgo: comerciantes e industriais—não se lembram (elas que tanto falam nas leis inmutáveis (?) da economia política) de que, pelo seu processo, diminuem cada vez mais na massa do povo a facilidade de consumo e que não tardará a plêntora da produção a ser causa de crises de super-produção que periodicamente afligem os povos.

Compreende-se porventura que então se encontrem os armazéns atulhados de produtos por falta de consumo ao mesmo tempo que milhões de estafados não tenham uma coêda? Esta super-produção não é antes uma falta de produção suficiente? Não é ela uma funesta consequência do regime de propriedade privada que dá direito a uma minoria preguiçosa se apoderar dos produtos que a todos pertencem?

A classe patronal não quer saber disso! O que ela quer é atender ao momento presente, encher os cofres fazendo trabalhar e produzir muito: para o que é preciso que a lei das 8 horas seja abolida!

A desvalorização da nossa moeda

A Confederação Patronal, com aquela candura que lhe conhecemos, afirma que o *grande mal* está substancialmente na desvalorização da nossa moeda.

Pergunta muito ingenuamente se tendo de pagar em ouro os artigos que vai buscar fora, é justo que perca ao por esses artigos no mercado interno, acrescentando: quem ousará sustentar que o ágio brutal do ouro é feito pela mão dos comerciantes e dos industriais?

Ninguém ousa, fique certo! Esse ágio brutal é devido aos operários, não haja dúvida! Foram eles que desencadearam a guerra, ou se aproveitaram dela; foram eles que fizeram combalchos com os governos, arruinaram o país com empréstimos; que receberam grossas luvas nas tramóias financeiras; que ganharam chorudas comissões nos conchavos maquinados nos ministérios e nos escritórios de banqueiros; que açambarcaram a produção a fim de obter lucros leoninos; foram eles que levaram a importação ao extremo para embolsarem as corretagens; foram eles que desmazelaram o fomento do país; que desencadearam a nação com avalanches de papel moeda; foram eles que sequestraram a desconfiança no estrangeiro, levando o valor do escudo à expressão ridícula que ele tem e que aumentaram o ágio para terem o pretexto de carregar a mão nos preços.

As classes parasitárias—*as essencialmente trabalhadoras* no dizer irónico da Patronal—estão inocentes de todos estes crimes. Se morressem agora, podiam ser enterrados de palmito e capela...

Parodiando a frase da Patronal, dizemos por nossa vez: Os homens honestos de consciência são e espírito claro e livre que respondam.

A carestia da vida

Vimos no que fica exposto quais as causas da *acuidade máxima* que atingiu o custo da vida: A guerra que desorganizou todo o viver social; o despoamento dos campos em benefício da caserna; o desenvolvimento dos negócios bancários e de importação; o destrabalhamento administrativo; a febre de ganância que avassalou as massas fazendo-as desprezar o trabalho fecundo pela especulação comercial; a desvalorização do escudo devida a estas causas e a outras concomitantes que já eram endémicas no país. Devemos apontar ainda: o espírito de ladrocinho que se apossou das empresas de transportes elevando descaradamente o preço dos fretes até muito além do que a alta dos salários das equipagens, o preço do carvão, dos óleos, das reparações etc. poderia justificar: seja muito além de 50 % sobre os fretes de ante-guerra.

Pelos quadros números 1 e 2, sujeira o povo trabalhador de quem foi que ganhou com este estado de coisas e de como são falsas as conclusões da Confederação Patronal, especialmente quanto aos salários e custo da vida

Os funcionários do Estado

A verba dispendida com o funcionalismo público é elevadíssima, consequente da nuvem de empregados públicos que sobrecarregam o orçamento e que cada governo que sobe ao poder adensa por conveniências de partido em geral inconfessáveis, criando novos nichos onde se alapardaram as figuras com as quais se comprometeu ou alargando os quadros que já existiam. Mas notemos que os governos são os criados da alta finança, da alta indústria, do alto comércio e que por conseguinte não são estas entidades que têm direito de se queixar do exagerado número de funcionários públicos.

Diz a Patronal que possivelmente podiam ser dispensados do serviço 20.000 funcionários.

De acordo! e lembramos, para começar:

Redução da guarda republicana.

Redução da polícia civil.

Eliminação daqueles funcionários que vão às secretarias dos ministérios assinar o ponto e saem logo e dos que embora fiquem por alguns minutos passam o tempo reunidos a um canto da sala a cavaquear.

Irradiação dos que nem mesmo vão à repartição mas vai ter com eles o ordenado a casa.

Estes meninos bonitos tem por onde viver. São em geral accionistas de companhias; tem outros empregos que lhes rendem bons ordenados; são sócios de várias empresas.

Quanto aos funcionários realmente cumpridores dos seus deveres e que fazem, sem dívida nenhuma, o seu próprio trabalho e o dos meninos bonitos, por isso que este aparece feito mais ou menos, quanto a esses funcionários em geral os mais humildes, activos e mais mal pagos—justo é que não entrem nos 20.000 possivelmente dispensáveis e que fiquem melhorados nos seus modestos vencimentos porquanto o Estado só tem a lucrar com o ter bem pagos os seus empregados úteis.

A propriedade não perdeu

Alega a Patronal que os proprietários tem perdido com a situação criada post-guerra. Estão privados de impostos e as suas propriedades desvalorizam-se.

Ora aceitando os algarismos da C. P., vemos que a contribuição predial foi em 1914 de 9078 contos e em 1922 de 20.000.

Sabe-se que um capital rende tanto mais quanto mais alta for a taxa do juro.

Contudo se compararmos dois rendimentos diferentes a taxas desiguais, não devemos imediatamente concluir que os capitais respectivos são iguais. Tampouco a diferença dos rendimentos significa em todos os casos que esses capitais são maior um que o outro; só depois de fazermos o cálculo poderemos ajuizar do seu respectivo valor.

Ora a contribuição predial foi, segundo a Patronal:

Em 1914 9.078 contos

" 1922 20.000 "

As rendas da terra e das casas—matéria colectável sobre que incide a contribuição—conservaram-se as mesmas ou aumentaram?

Sendo essas rendas em 1922 as mesmas que em 1914, se a contribuição daquele ano foi muito maior que a deste último, segue-se que as taxas de 1914 e 1922 fazem uma grande diferença.

Efectivamente são diferentes e bastante.

Mas se um mesmo capital ou capitais iguais, a taxa maior uma que outra, produzem rendimentos respectivamente maior um que outro—não se segue na inversa que sempre

a taxas diferentes e rendimentos diferentes correspondam capitais iguais. Só o cálculo o dirá.

Pois façamos esse cálculo:

Em média a propriedade pagava em 1914 cerca de 13 % de contribuição predial. As taxas variavam de 4 a 20 % conforme o valor colectivo. Em 1922 essa contribuição pôde-se computar em uma média de 24,6 %.

Pois bem: à taxa de 13 % (1914) a contribuição corresponde a rendas de casa e de terras colectáveis na importância de 69.830 contos; e, à taxa de 24,6 (1922) corresponde a uma importância das mesmas rendas de 81.300 contos—seja um aumento de rendas em 1922 sobre as de 1914, de 11.470 contos.

Sabemos que estes algarismos não são absolutamente exactos porque é impossível estabelecer uma média absoluta nas taxas de contribuição que variam muito de base, de coeficiente e de capital colectivo sobre que incidem. Mas podemos dizer que, se houver diferença nas conclusões a que chegamos, ela será antes favorável que contra o nosso raciocínio; tanto mais quanto é certo que as declarações para a fazenda nacional não são em geral a expressão da verdade, visto haver vantagem para o senhorio da terra e das casas em diminuir nessas declarações o montante das respectivas rendas. Basta lembrarmos-nos por exemplo do que se passa com os recibos de rendas de casas.

Portanto os proprietários tiveram um aumento de rendimento de suas propriedades no valor de 11.470 contos, mais cem contos menos cem contos.

Logo não perderam.

Por outro lado as propriedades aumentaram de valor como se vai ver:

A contribuição de 1914 (9.078 contos) corresponde, como acima ficou dito, uma venda colectável de 69.830 contos e a de 1922 (20.000 contos) uma renda colectável de 81.300 contos.

Computemos, muito por baixo, as rendas da propriedade em 5 %: temos que em 1914 a propriedade valeria 1:396.600 contos e em 1922 valeria 1:626.000 contos.

A propriedade, sem dívida nenhuma, rendeu mais de 50 %, muito mais mesmo.

Não é demais atribuímos ao rendimento colectivo declarado para os efeitos da contribuição, um valor 30 % abaixo do efectivo. Isso, porém, não influe nas conclusões como é de ver.

E essas conclusões são que:

A propriedade não perdeu nem nos seus rendimentos, apesar dos impostos, nem no valor das suas propriedades. Antes ganhou.

Argumenta ainda a Patronal com o exemplo de um proprietário que, se convertesse em libras as suas rendas, teria em 1914 ao câmbio de 45 libras 259,2. 6 de rendimento e em 1922 ao câmbio de 4 1/2, libras 62. 18. 1.

Simplemente a Patronal esquece-se de que o câmbio se descesse de 4 1/2 para 45 esse facto não iria influir só sobre todas as rendas do sr. proprietário, iria influir sobre todas as manifestações da vida e então também o custo

Preços médios dos principais artigos segundo estatísticas oficiais (1)

Designação	Em 1914	Em 1922	Mais caros em 1922 cerca de	Aumento por cento em 1922
Açúcar Kilo	\$22	1340	6 vezes	536 %
Arroz Kilo	\$13,5	1850	11 "	1011 %
Azeite Litro	\$28	3850	12 "	1150 %
Bacalhau Kilo	\$24	3820	13 "	1233 %
Banana " "	\$38	4800	10 "	952 %
Batata " "	\$03	\$50	16 "	1566 %
Café " "	\$60	3840	5 "	466 %
Carneiro " "	\$24	2880	11 "	1066 %
Cebolas " "	\$02	\$50	25 "	2400 %
Pórcos " "	\$31	5800	16 "	1512 %
Vaca " "	\$29	3870	13 "	1175 %
Carvão " "	\$02,5	\$25	10 "	900 %
Chouriço de carne " "	\$53	7800	13 "	1220 %
Feijão branco Litro	\$07	1800	14 "	1328 %
" de côr " "	\$09,5	1820	12,5 "	1173 %
Grão " "	\$09,5	1820	12,5 "	1173 %
Leite " "	\$08	\$70	9 "	775 %
Ovos Duzia	\$19	2840	12 "	1163 %
Pão Kilo	\$06,5	\$60	10 "	823 %
Peixe miúdo " "	\$28	4840	15 "	1471 %
Petróleo Litro	\$04,5	\$85	19 "	1788 %
Sabão para casas Kilo	\$10	\$70	7 "	600 %
Sabão p.ª roupa " "	\$14	2800	14 "	1928 %
Toucinho " "	\$36	3820	9 "	788 %
Vinho Litro	\$05	\$79	14 "	1300 %
Renda de casa " "	\$600	30800	5 "	400 %

Seja: 116 %.

Aumento do custo da vida em média: Cerca 12 vezes mais cara.

Lucros «confessados» de algumas empresas no período de 1918-1921

CAPITAIS E LUCROS EM CONTOS DE RÉIS

(3)

EMPRESAS	Capitais	Lucros em 1 ano	Porcentagem de lucros referente ao capital
Banco Aliança do Porto	2.400	364	mais de 15 %
Banco Mutuário	300	43	" 14 %
Banco Economia Portuguesa	5.000	794	" 15 %
Banco do Alentejo	1.200	293	" 24 %
Banco Lisboa e Açores	4.500	1.023	" 22 %
Banco Comercial de Lisboa	4.000	1.687	" 41 %
Banco Previdente Segurador	5.000	218	" 40 %
Banco Espírito Santo	7.200	1.508	" 20 %
Banco Colonial Português	10.000	2.139	" 21 %
Banco de Crédito Nacional	100	45	45 %
Banco Nacional Ultramarino	24.000	6.596	mais de 27 %
Banco Internacional de Comércio	1.000	78	" 7 %
C. de Fiação de Créstuma	300	344	" 114 %
C. Agrícola Comercial	2.000	162	" 8 %
C. de Conservas Alimentícias do Norte de Portugal	900	94	" 10 %
C. de Fiação e Tecidos de Alcobaca	300	344	" 114 %
C. de Fiação e Tecidos de Fale	300	187	" 62 %
C. da Zambézia	2.700	422	" 15 %
C. Fabril do Cávado	540	351	" 68 %
C. Manufatura de Artefactos de Malhas	200	203	" 101 %
C. de Cabinda	3.600	534	" 14 %
C. Cimento Tejo (2 anos)	600	458	" 76 %
C. Portuguesa de Vinhos	500	203	" 40 %
C. Portuguesa de Licores	400	179	" 44 %
C. dos Tabacos de Portugal (2 anos)	9.000	3.847	" 42 %
C. N. de Fiação e Tecidos de Torres Novas	300	27	" 9 %
C. do Papel do Prado	360	193	" 50 %
C. Fabril de Salgueiros	375	336	" 89 %
C. Rio Ave	200	111	" 55 %
C. Marítima e Fluvial de Transportes	400	71	" 17 %
C. Indústrias Reunidas	236	112	" 47 %
C. de Carruagens Ltd.	100	14	14 %
C. de Lanifícios de Arrentela	200	116	" 58 %
A transportar	88.211	23.066	

desta descrita pois que se valorizava o escudo; e como tudo é relativo, o valor das tais rendas mantinha-se proporcionalmente o mesmo em 1914 que em 1922. E se a propriedade ganhou neste decurso 11.470 contos, esse ganho continuaria de pé, dado mesmo que voltássemos ao regime de 1914. Ou não?

Os lucros de algumas empresas

No dizer da C. P., as classes *essencialmente parasitárias*—perdião!—*essencialmente trabalhadoras* atravessam uma crise angustiada.

E como quando alguém perde outrem ganha, é natural que a estas horas a classe *essencialmente mandriona*, vulgo, operária, esteja pôdre de rica...

Pois vamos ver pelo quadro n.º 3 como os comerciantes tem perdido e a carestia da vida se deve aos operários...

Note-se que estes algarismos estão áquém da verdade, embora tenham sido extraídos dos balanços que as ditas empresas publicaram: pois que elas tem interesse em ocultar os seus lucros. Ainda assim, servem para se ajuizar da probidade com que a Patronal faz as suas afirmativas.

Para prova de que as empresas não confessam os seus verdadeiros lucros ao Estado, basta confrontar o que no quadro em questão figura como lucro *confessado* da Companhia de Fiação e Tecidos de Alcobaca com o que o senador dr. sr. Pereira Osório disse no Senado, conforme consta do Diário das Sessões do Congresso referentemente aos lucros da mesma Companhia.

Consultando o quadro em questão vemos que os lucros da Companhia de Fiação e Tecidos de Alcobaca foram num só ano (1921), 344 contos, isto para um capital de 300 contos.

Pois no Senado o referido senador afirmou que essa companhia ganhou no mesmo ano 1216 contos.

Quere dizer: a companhia ocultou ao Estado e ao público 8721!

E como está quasi todas as empresas.

Os lucros foram portanto numa média geral da importância da quarta parte do capital empastado.

Quere dizer: se todas estas empresas houvessem começado os seus negócios nestes quatro anos, dentro de outros quatro anos o povo terá pago todo o capital delas, mantendo-se a mesma proporção de lucros.

Ora como muitas delas já existiam há mais de 40 anos, segue-se que já devem ter o seu capital fôrto.

E contudo o povo, tendo pago por mais duma vez o capital das empresas, não pode tomar conta daquilo que pagou: máquinas, ferramentas, utensílios, produtos fabricados, casas, terras, minas, material circulante e fixo, matérias primas, etc. Tudo isto é das *essencialmente trabalhadoras* que estão na espinha como se vê.

Lisboa, 1 de Junho de 1922.

Confederação Geral do Trabalho

Média de salários diários segundo estatísticas oficiais (2)

Ofícios	Em 1914	Em 1922	Mais altos em 1922 cerca de:	Aumento por cento em 1922
Alfaiate.....	\$88	5883	6 vezes	562 %
Carpinteiro.....	\$77	6823	8 "	700 %
Caixeiro.....	\$82	5828	6 "	543 %
Carroceiro.....	\$87	6832	7 "	626 %
Ferroviário.....	\$62	5892	9 "	854 %
Servicial.....	\$49	6846	13 "	1218 %
Tipógrafo.....	\$83	5883	7 "	602 %
Trabalhador rural.....	\$54	3889	7 "	620 %
Metalúrgico.....	\$94	6812	6 "	551 %
Pedreiro.....	\$77	6823	8 "	700 %
Sapateiro.....	\$72	6825	8 "	768 %
Marceneiro.....	\$80	6850	8 "	712,5 %

Purgações

Preço 8\$00 — Depósito geral: — Farmacia Castro, Suc.^{or}, 199-R. de S. Bento, 199-A

SANDANITOL

Recentes ou antigas curam-se rapidamente, sem uso de injeções, tomando o

Belsaúde VITERI

Cigarrilhas medicinais ultra-elegantes
Cura rapidamente

Catarros, defluxos, laryngites, bronquites, tosse, pigarro, rouquidão, e apressam a cura de todas as doenças da boca, garganta, ouvidos, nariz, olhos, bronquios e pulmões.

1.º Desinfeta profundamente as vias respiratórias, constituindo o mais prático dos inaladores;
2.º É usado pelas senhoras mais finas porque perfuma o hálito e evita a carie dentária e por todas as pessoas que tem de suportar óculos d'vidos porque as defende de doçalgos perigosos;
3.º São usadas pelas pessoas ciosas, pelas asthmáticas ou que sofrem de bronquites crônicas, porque limpando o pigarro abrem-lhes o apetite e permite-lhes sonos reparadores seguidos;
4.º Limpando o pigarro, combate a rouquidão, alarga a voz e fortalece as cordas vocais; por isso são usadas pelos que cantam ou falam em público;

O ABUSO SÓ PODE BENEFICIAR

5.º Atenua a ação nociva da nicotina que se deposita nas vias respiratórias dos fumadores e de quem com eles convivem, evitando-lhes o cancro e o catarro gastrico;
6.º Desentorpece o cérebro fatigado, activa as faculdades intelectuais, evitando a surmenagem cerebral. Usadas por todos os que pensam muito;
7.º Usadas pelos que viajam ou frequentam casas dos doentes, porque o fumo sãna o ambiente e introduz-se em todas as células das vias respiratórias, preservando-as das doenças contagiosas, ta como: tuberculose, coqueluche, pneumonia, d'phteria, angina, etc.

Há conveniência em engulir o fumo

PREÇO DAS CIGARRILHAS

Fórmula corrente: 80 centavos — Fórmula n.º 2 (forte) cart. 90 centavos
Fórmula n.º 3 (fortíssimo) cart. 1\$00

Depósito dos preparados com selo VITERI:

Vicente Ribeiro & C.ª Suc.ª
Rua dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

GRANDE ECONOMIA

EPOCA AGRICOLA DE 1922
Seguros de Incêndio de Searas

A MUNDIAL, devido a um acôrdo com um poderoso grupo de companhias estrangeiras COBRA MENOS DE METADE DOS PREMIOS até aqui estabelecidos nos seguros de cereais e palhas. ALEM DISSO, «A MUNDIAL» NADA COBRA a título de ENCARGOS ou CONTRIBUIÇÕES pois que estas são por ela integralmente pagas.



A MUNDIAL
COMPANHIA DE SEGUROS
Capital inteiramente realizado 500:000\$00
RESERVAS: 749:051\$60,9

SEDE EM LISBOA DELEGAÇÃO NO PORTO
Rua Garrett, 95 — Tel. 4084 R. Sá da Bandeira, 331, 1.º

ASocial

Cooperativa dos Operários Chapelleiros

Grande sortimento em chapéus, lisos e mechas em cores lindíssimas, formosos dos mais famosos fabricantes estrangeiros

Chapéu mole, novo modelo americano, muito elegante, só na Cooperativa A SOCIAL

Especialidade em chapéus de seda e flâmão. Armazem e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS

Sede: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33, 1.º Sucursal: — Rua dos Forais de S. Bento, 74, 74-A, 2.º Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29, 3.º Sucursal: — Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56, 58.

Histoire des Bourses du Travail
Origine — Institutions — Avenir
Preço 7 francos — Sete escudos. — A' venda na Administração de A Batalha.

A FOME NA RUSSIA

Pela administração de A BATALHA foi já pôsto a venda um interessante

ALBUM ILUSTRADO com 9 gravuras

com o texto stenografado do discurso pronunciado perante mais de 6.000 pessoas, no Frocadero, em Paris, pelo dr. Nansen, grande homem que se entregou à tarefa de salvar os famintos russos.

As pessoas que desejem adquirir este album, podem dirigir-se à administração de A BATALHA.

Preço 330. — Pelo correio 335; registado mais 10.

O produto liquido da venda deste album destina-se aos famintos russos.

Nicolau Gomes Correia

ACABA DE RECEBER um grande sortido de cheviotes género inglez, estambres, casimiras e alpacas. Um enorme stock de casacos de alpaca já confeccionados, assim como gabardines, para senhora, e casacos. Um grande stock de kakis. ***** PREÇOS SEM COMPETENCIA *****

AVIAMENTOS PARA ALFAIATES *****
R. dos Fanqueiros, 255

Companhia do Papel do Prado

Sociedade anónima de responsabilidade limitada

Capital

Acções	360.000\$00
Obrigações	279.540\$00
Fundo de reserva e amortisações	480.000\$00

Escudos: 1:119:540\$00

Propriedade das fábricas do Prado, Marianela, Sobreirinho (Tomar), Penedo, Casal de Ermio (Lousa) e Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para uma produção anual de seis milhões de quilogramas de papel e dispostas dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em depósito grande variedade de papéis de escrita de imprensa e de embrulho.

Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiais de qualidade de papel de máquina continua ou redonda e de forma.

Fornecer papel aos mais importantes jornais e publicações periódicas do país.

Escritório do depósito 270, R. dos Fanqueiros, 278 — Lisboa
49, R. Passos Manuel, 57 — Porto

Endereço telegráfico Lisboa e Porto: **PELPRADO**

CALÇADO

de todas as qualidades e modelos

Nenhuma casa vende mais barato, pois enquanto outras casas sobrecarregam os seus artigos com 40 % e 50 %, esta só tira um lucro de 20 %, e além disso ainda faz os seguintes descontos:

Em benefício do comprador sindicado	5 %
de A BATALHA	3 %
das Cooperativas	3 %
do comprador socio da mesma cooperativa	5 %
em benefício das As. de Socorro Mutuo	3 %
do comprador socio destas colectividades	3 %
em benefício da Sociedade A Voz do Operário	5 %
do comprador socio desta sociedade	5 %

N. B. — Quando qualquer destas colectividades se responsabilize pelo pagamento, damos crédito a seis meses, sendo invertidas as percentagens acima mencionadas; o direito refere-se só ao calçado, por enquanto. Exceptuam-se destes descontos os tabacos nacionais, fósforos, jornais e illustrações.

Na Havaneza do Sacramento, rua do Sacramento, 19-21, a Alcantara, além do calçado encontram-se artigos de retrozaria, papellaria, meias, gravatas, perfumarias, livros, etc., e na Tabacaria Condes, Avenida da Liberdade, 6, assim como na Havaneza do Carmo, Calçada do Carmo, 43, encontrareis todos esses artigos, á excepção do calçado, nas condições propostas.

Peçam sempre senhas

Calçado

Procurem como quiserem: na

Sapataria do Calhariz

vende-se tudo isso muito mais barato.

Há quem que venda botas de superior cali preto ou de cor, a. 20\$00?

Botas da moda com 2 solas corridas, salto razo, a. 31\$50?

Botas de cali preto com 2 ponteados, resistente a todo o tempo a. 31\$00?

Sapatos de superior cali preto para senhora, a. 11\$00?

Sapatos de verniz desde 16\$00?

Etc., etc., etc.?

Há, mas só na

Sapataria do Calhariz

Verifiquem que não perdem com isso.

33, Largo do Calhariz, 33

Quereis o vosso relógio concertado com garantia e por preço módico?

Levae-o ao

33 de S.º André

actualmente

Largo Rodrigues de Freitas, 33 (em frente do calhariz)

OFICINA DE RELOJÓEIRO E OUVRES

DE

ALVES D'ANDRADE, L.ª

Tabela de preços de SABÃO

Em caixas de 30 quilos

Off. 1.ª azul, rosa e Camões... 47\$50

Off. 2.ª azul, rosa e Camões... 32\$30

Off. extra, azul ou rosa... 56\$50

Oleina... 56\$50

Castilla... 56\$30

Amarelo para roupa... 21\$50

Amendoa e alcatrão... 17\$00

Clorito e potassa, quilo... 80

Bonus especiais para revenda e exportação. Execução imediata. Preço garantido. Seriedade em todas as transacções. Pedir condições de venda e amostras á

Sabonaria União
112, 1.ª, Rua Arco da Bandeira, 112, 1.ª Lisboa — Telef. C. 593.

PROCRIAÇÃO CONSCIENTE

(Páginas de práticas neo-malthusianas)

- Descrição dos órgãos genitais.
- Valor exacto dos meios a empregar.
- Injeções.
- Preservativos, etc.

Preço, \$25 — Pelo correio, \$30

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

Carreira regular entre a Metrópole e a África Ocidental Portuguesa

Vapor IBO
Sairá em 9 de Junho, ás 18 horas, para Bissau, Bolama e Cacheu.

Vapor SANTO ANTÃO
Para Anvers e Hamburgo. Sairá brevemente recebendo carga. A ida a Hamburgo só se efectuará havendo carga em quantidade suficiente. Nos mesmos portos receber-se-á carga a frete corrido, para os portos da África portuguesa.

Vapor MOÇAMBIQUE
Sairá no dia 10 de Junho para Las Palmas, Açores, Fernando Pó, Príncipe, S. Tomé, Cabinda, Louanda, Novo Redondo, Lobito, Benguela e Mossamedes.

Para carga, passageiros e mais esclarecimentos, dirigir-se aos escritórios da

Companhia Nacional de Navegação
EM LISBOA: R. do Comércio, 83
NO PORTO: R. da Nova Alfândega 34

FORMIOL

TONICO MUSCULAR

REGISTADO

Medicamento de exito notável na cura da fraqueza geral, fraqueza cerebral, evitando a neurastenia. Os seus maravilhosos efeitos são absolutamente garantidos no tratamento da anemia, tuorculose, fraqueza genital, doenças do coração e pulmões, fteções nervosas, suores nocturnos, prostração física, menstruações irregulares, perdas seminaes, escorrelhas, lufitismo, riquitismo, atecções ossæas, digestões laboriosas e fraqueza senil. Tonic por excelencia do sistema nervoso e muscular, quitoaplendo as forças e evitando a



pobreza fisiologica traduzindo-se o seu efeito no aumento de peso e das forças. As pessoas que habitam nos climas quentes e as que se dedicam ao sport tem abundantemente necessidade de fazer uso do Formiol com o fim de evitar o esgotamento fisico derivado do excesso do clima e do abuso das forças. A disticta classe medica faz uso pessoal e na sua clinica deste superior medicamento, assim como milhares de pessoas

que se tem tratado das doenças indicadas e sempre com optimos resultados. Não tem dieta, A' venda em todas as boas farmácias e drograrias. Preço: 5 escudos. Correo, até 2 francos, mais 50 centavos.

Depositar em Lisboa: Farmacia Barral, R. do Ouro, 138; Estacio. Rocio, 69; Azevedo, Rocio, 51; Quintana, R. de Prata, 135. — Porto: Farmacia Barra, Praça da Liberdade, 124. — Coimbra: Farmacia Nazareth, R. Ferreira Borges, 139. — Santarém: Farmacia Bastos, R. da Misericórdia, 121. — Setúbal: Farmacia Oliveira, R. da Misericórdia, 14. — Braga: Instituto Galenico, Praça do Conde d'Agrolongo, 25. — Évora: Farmacia Ferro, R. João de Deus, 35. — Faro: Bandeira 2 C.ª, R. de Santo Antonio, 66. — AFRICA OCIDENTAL — S. Tomé: José Pedro da Fonseca, R. Generali Calheiros. — Louanda: Serra, Annes & Irmão. — Benguela: Farmacia Continental.

DEPOSITO GERAL — Farmacia Albano
57, R. da Escola Politécnica, 59 — Lisboa

Publicações sociológicas

(A' venda na Secção de Livreria de A BATALHA)

	Pelo correio	Pelo cof. rete
Krapotkine:		
A Anarquia, sua filosofia e seu ideal	400	425
A Grande Revolução (2 vol.)	500	550
A moral anarquista	112	111
A Moralidade e o Parlamento	112	111
Sindicalismo e Parlamento	112	111
Os bustidores da guerra	400	400
Labordelle:		
Sindicalismo e Socialismo	450	425
Landauer:		
A Social Democracia na Alemanha	400	400
Leone — O Sindicalismo	1400	1411
Malatesta:		
A politica parlamentar no movimento socialista	400	400
O programa socialista-anarquista revolucionario	410	415
Entre camponeses — Como fazeremos a revolução	400	400
No café	400	400
Manuel Ribeiro — Na linha de fogo	400	400
Marx — O Capital	1400	1400
Niquet — A caminha da união livre	1400	1400
Perleto de Carvalho — Notas e comentarios	400	400
Nietzsche:		
Ani-Cristo	1400	1415
Genealogia da moral	1400	1415
Nano Vasco — Ao Trabalhador Rural — Geórgicas	410	411
Noviow — A emancipação da mulher	1400	1400
Patat e Pouget — Como faremos a revolução	1400	1400
Perleto de Carvalho — Notas e comentarios	400	400
Pouget:		
A Confederação Geral do Trabalho	400	400
Prat — A Burguesia e o Proletariado	400	400
Ricardo Mella:		
O principio do fim	400	400
Rogal — A suggestão e as multiplidões	400	400
Ruseurano — A sacralidade social da fraude	400	400
Sebastião Faure — Doze provas da inexistência de Deus	400	400
Toistol:		
Pão para a boca	400	400
Do ciuro	400	400
Trotsky — Constituição politica da republica dos Sovietes	412	417
Vandervelde — O collectivismo e a evolução industrial	1420	1421

Serviço de livreria

DE

A BATALHA

Na Administração deste diário operário encontram-se á venda todas as obras de educação profissional, de sciência, filosofia, sociologia, higiene e espartano; brochuras e folhetos de propaganda sindicalista, anarquista, comunista e socialista; romances sociais, teatro livre, canções sociais e revolucionárias, postais illustrados, retratos de propagandistas operários, livros operários, etc.

Além das obras que anunciamos, satisfazem-se todas as encomendas de quaisquer quantidades de livros, que venham acompanhadas das respectivas importâncias, acrescidas de 10 por cento para porto do correio e mais 510 para registro.

Auxilia-se A Batalha, adquirindo todos os livros por intermédio da administração da mesma.

Não se enviam livros á cobrança pelo correio.

Todos os pedidos de livros, acompanhados das respectivas importâncias, devem ser endereçados ao Serviço de livreria de «A BATALHA».

CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º ANDAR
Lisboa-Portugal